

**SELEÇÃO DE ATORES E ATRIZES - TEATRO DE COMÉDIA DO PARANÁ  
EDITAL DE CHAMAMENTO PÚBLICO Nº 01/2024 - CCTG  
PROTOCOLO 22.480.395-8**

**EDITAL DE ORIENTAÇÃO ETAPA 03 – AUDIÇÃO PRESENCIAL**

O CENTRO CULTURAL TEATRO GUAÍRA (CCTG), por meio da Comissão Especial de Contratação, designada pela Portaria nº 026/2024 – DIPRE/CCTG, atendendo as disposições do Edital de Chamamento Público nº 01/2024 – CCTG, TORNA PÚBLICO:

**ORIENTAÇÃO REALIZAÇÃO ETAPA 03**

1. Durante a ETAPA 03 os candidatos serão submetidos inicialmente a uma dinâmica envolvendo aquecimento vocal e corporal elaborada e orientada pelo CCTG e posteriormente será realizada avaliações individualizadas dos candidatos, sendo:

a) O candidato terá até 2 (dois) minutos para interpretar um dos contos (01 e 02) ou trecho do conto 03, ficando a critério do candidato a escolha, conforme abaixo:

**CONTO 1 “Dois velhinhos”**

Dois inválidos, bem velhinhos, esquecidos numa cela de asilo.  
Ao lado da janela, retorcendo os aleijões e esticando a cabeça, apenas um consegue espiar lá fora.  
Junto à porta, no fundo da cama, para o outro é a parede úmida, o crucifixo negro, as moscas no fio de luz.  
Com inveja, pergunta o que acontece. Deslumbrado, anuncia o primeiro:  
Um cachorro ergue a perninha no poste.  
Mais tarde:  
Uma menina de vestido branco pulando corda.  
Ou ainda:  
Agora é um enterro de luxo.  
Sem nada ver, o amigo remorde-se no seu canto.  
O mais velho acaba morrendo, para alegria do segundo, instalado afinal debaixo da janela.  
Não dorme, antegozando a manhã. O outro, maldito, lhe roubara todo esse tempo o circo mágico do cachorro, da menina, do enterro de rico.  
Cochila um instante é dia. Senta-se na cama, com dores espicha o pescoço: no beco, muros em ruína, um monte de lixo.  
Conto publicado no livro *Mistérios de Curitiba*, Ed. Record

**CONTO 2 “Daqui ninguém sai”**

Fim de tarde, ele encurta o caminho pelo cemitério. No escuro cai numa cova aberta para o enterro da manhã. Aos pulos, tenta alcançar as bordas, e nada. “Se eu grito, acham que é um fantasma. Em vez de acudir, fogem.”  
Exausto, se encolhe num canto, bem quieto. De manhã, pede ajuda. Já cochilando, ouve passos. Alguém usa o mesmo atalho.  
De repente cai uma sombra ali dentro. Habitado à escuridão, enxerga o outro, que não o vê. “Se eu falo, esse aí tem um ataque.” O qual repete as suas tentativas: pula, quer agarrar-se às

beiras, e nada. Cabeça baixa, ofegante, mãos contra a parede. Vencido.

O primeiro se ergue em silêncio. Uma batidinha no ombro:

— É, meu chapa. Daqui ninguém sai.

Pronto: único salto, o meu chapa fora da cova ia longe. E ele? Tem que esperar o socorro até de manhã. Sob a garoa fininha.

(TREVISAN, Dalton. Daqui ninguém sai. Arara bêbada. Rio de Janeiro: Record, 2004.)

---

### **CONTO 3 “Lamentações de Curitiba” (ESCOLHER TRECHO DE ATÉ 2 MINUTOS)**

A palavra do Senhor contra a cidade de Curitiba no dia de sua visita

Suave foi o jugo de Nabucodonosor, rei da Babilônia, diante de Curitiba escarmentada sob as patas dos anjos do Senhor, como laranja azeda que não se quer comer de azeda que é. Ai, ai de Curitiba, o seu lugar será achado daqui a uma hora.

Gemerei por Curitiba; sim, apregoearei por toda a Curitiba a nuvem que vem pelo céu, o grito dos infantes a anuncia; porque o Senhor o disse.

A chuva de ais inundará a terra sem subir ao céu; e no céu verão as costas do Senhor; e no céu sem lua nem sol a tampa descida do céu.

No dia de suas aflições, os vivos serão levados pela mão dos mortos para a morte horrível. Da cidade não ficará um garfo, aqui uma panela, ali uma xícara quebrada; ninguém informará onde era o túmulo de Maria Bueno.

O dia virá no meio do maior silêncio com um guincho.

O que fugir do fogo não escapará da água, o que escapar da peste não fugirá da espada, mas o que escapar do fogo, da água, da peste e da espada, esse não fugirá de si mesmo e terá morte pior.

O relógio na Praça Osório marca a hora parada do dia de sua visita.

Ó lambari vermelho do rio Ivo, passou o tempo assinalado.

Os abutres afiam seus bicos recurvos por causa do dia que vem perto. Escorrerá devagar o tempo como azeite derramado, eis a chaga da aproximação do dia. Cada um exibe na testa o estigma da besta; aqui há sabedoria.

O pânico virá num baile de travestis no Operário, no meio do riso; o riso não será riso, diz o Senhor, as bicharcas desfilarão diante do espelho e não darão sua imagem.

Diz o Senhor: eis que eu entrego esta cidade nas mãos de Baal e dos filhos com rabo de Baal, e tomá-la-ão.

Este é o povo que morreu de espada: cento e noventa mil e sete almas e mais uma; todas as almas perdidas numa hora e sem um só habitante.

A estátua do Marechal de Ferro madrugará com os olhos na nuca para não ver.

Os ipês na Praça Tiradentes sacolejarão os enforcados como roupa secando no arame.

De assombro as damas alegres da Dinorá atearão fogo ao vestido, gritando nas janelas o fim dos tempos.

No rio Belém serão tantos os afogados que a cabeça de um encostará nos pés de outro, e onde a cachaça para mil e um velórios? Os ratos de rabinho satisfeito hão de roer todo o dinheiro do Banco de Curitiba.

Para embainhar minha espada, diz o Senhor, os vinte e três necrófilos da cidade casarão em comunhão de bens com suas noivas desenterradas e vestidas de branco.

A filha de meu povo será um pátio no Asilo Nossa Senhora da Luz com seus urros e maldições. Muitos correrão para baixo da cama e cada um terá mais de uma morte: uma, a que escolher e a outra pela espada do Senhor, que já assobia no ar.

O rio Barigui se tingirá de vermelho mais que o Eufrates. Um sino baterá no ouvido dos homens e eles se esborracharão feito caqui maduro. As filhas vaidosas de sua cidade suspirarão. Chorarão pedras de sangue dizendo: Não existe dor como a minha dor. Depois hão de chorar os próprios olhos com dois buracos na cara.

Ai de Curitiba, perece o teu povo e se quebranta meu coração, porque é o dia da visitação, diz o Senhor. Dos teus lambrequins de ouro, das tuas cem figurinhas de bala Zequinha. Do teu bebedouro de pangarés, a gente perguntará: que fim levaram?

Dá uivos, ó Rua 15, berra, ó Ponte Preta, uma espiga de milho debulhada é Curitiba: sabugo estéril.

O terror arrombará as portas, os macaquinhos do Passeio Público destelharão as casas, a cidade federá como a jaula de um chacal doente.

Onde estarão todos os leões de pedra que guardam as casas de teus ricos e os tatus de rabo amarelo que guardam os teus medrosos leões?

Maldito o dia em que o filho do homem te habitou; o dia em que se disse nasceu uma cidade não seja lembrado; por que não foste sempre um deserto, em vez de cercada de muros e outra vez sem um só habitante?

Ó Curitiba Curitiba Curitiba, estendes os braços perfumados de giesta pedindo tempo, quando não há tempo.

Ó Curitiba Curitiba Curitiba, escuta o grito do Senhor feito um martelo que enterra os pregos. Teu próprio nome será um provérbio, uma maldição, uma vergonha eterna.

Curitiba, o Senhor chamou o teu nome e como o de Faraó rei do Egito é apenas um som.

A espada veio sobre Curitiba, e Curitiba foi, não é mais.

Não tremas, ó cidadão de São José dos Pinhais, nem tu, pacato municípe de Colombo, a besta baterá vôo no degrau de tuas portas. Até aqui o juízo de Curitiba.

(TREVISAN, Dalton. Lamentações de Curitiba. Nascido em Curitiba-1925)

---

**b) O candidato terá até 2 (dois) minutos para apresentar outro conto de Dalton Trevisan, de **livre escolha**.**

**c) O candidato terá até 2 (dois) minutos para realizar a apresentação da música abaixo:**

**Milton Nascimento & Flavio Venturini - Nascente**  
<https://www.youtube.com/watch?v=B6dOPJOUqrQ>

Curitiba, 06 de novembro de 2024.

Comissão Especial de Contratação  
CEC/CCTG